

10647 - O consumo e a produção de alimentos na agricultura familiar das regiões Missões e Fronteira Noroeste do RS

Consumption and food production in family farming regions Missões and Fronteira Noroeste of RS

TESCHE, Rubens Wladimir ¹; SCHMIDT, Aldo Walmor ²; DOMENIGUI, Jair Omar ³
POHL, Lisete Maria Primaz ⁴; GNOATTO, Vanessa Maria ⁵; LUNARDI, Jorge João ⁶

1 EMATER-RS/ASCAR, tesche@emater.tche.br; 2 EMATER-RS/ASCAR, aldo@emater.tche.br; 3 EMATER-RS/ASCAR, jdomenigui@emater.tche.br; 4 EMATER-RS/ASCAR, lpohl@emater.tche.br; 5 EMATER-RS/ASCAR, gnoatto@emater.tche.br; 6 EMATER-RS/ASCAR, lunardi@emater.tche.br

Resumo: Trata-se de pesquisa realizado em 2009 pelo Escritório Regional da EMATER/RS de Santa Rosa, junto às famílias rurais da Região das Missões e Fronteira Noroeste do RS. O objetivo foi verificar o gasto monetário dessas famílias no consumo de alimentos, quanto desse gasto representa compra em supermercado e quanto representa produção na própria Unidade de Produção Agrícola Familiar. A metodologia utilizada foi entrevista semi-estruturada com 901 famílias rurais em 36 municípios dessa região, levantando informações sobre a quantidade de consumo de alimentos, tanto os comprados como os produzidos pela própria família. A quantidade consumida de alimentos se multiplicou pelo valor de mercado para se obter o valor monetário deste consumo. A análise dos dados foi de comparação simples, obtendo-se como resultado que 70% dos alimentos consumidos por estas famílias são produzidos na propriedade e apenas 30% são adquiridos em supermercados, concluindo-se que os agricultores familiares têm na produção de alimentos para seu auto-consumo uma importante fonte de receita, que lhes proporciona segurança alimentar e diminui os dispêndios monetários com sua alimentação.

Palavras-Chave: Agricultura familiar, produção alimentos auto-consumo.

Abstract: *This is research conducted in 2009 by the Regional Office of EMATER/RS of Santa Rosa, near the rural families from the region of the North-West Frontier and Missions of the RS. The goal was to verify the money spent for these families in the consumption of food, how much of this expense represents purchase in supermarket and represents production in own Family Agricultural production unit. The methodology used was interview structured way with 901 rural families in 36 municipalities in this region, raising information about the amount of food consumption, both purchased as those produced by the family itself. The amount of food consumed is multiplied by the market value for the monetary value of this consumption. Data analysis was simple comparison, obtaining as a result that 70% of food consumed by these families are produced on the property and only 30% are purchased in supermarkets, conclusion that family farmers have in food production for their self-consumption an important source of revenue, which provides food security and reduces the monetary expenditures with their food.*

Key Words: *Family farming, food production self-consumption.*

Introdução

Contemporaneamente o termo “Agricultura Familiar” se consolidou como categoria social do mundo rural, inclusive normatizado em legislação própria e com programa de desenvolvimento rural conhecido como PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.

Entretanto, a formação desta categoria social tem diversas tipologias devido ao processo histórico de sua formação, com origem no campesinato brasileiro. Assim, no Sul do Brasil, o campesinato se formou a partir dos imigrantes europeus e dos escravos libertos. Os primeiros imigrantes foram camponeses lusitanos, que se estabeleceram nas regiões litorâneas dos estados do sul, muitos provenientes das Ilhas de Açores. Outros imigrantes, que se estabeleceram ao Sul do Brasil, são camponeses que vieram da Alemanha, Itália e Polônia, os quais receberam do Governo Imperial Brasileiro glebas de terras de 25 hectares, conhecidas como “uma colônia”, sendo por isso denominando esses imigrantes como “colonos”, os quais formam a agricultura colonial no Rio Grande do Sul.

Nas Regiões das Missões e Fronteira Noroeste do Rio Grande do Sul, a agricultura familiar contemporânea se forma a partir da “agricultura colonial”, contribuindo com algumas características camponesas, como a produção para auto-sustento.

Estas características camponesas, segundo Chayanov (1974), conferem à unidade de produção agrícola familiar uma racionalidade econômica diferenciada das demais estruturas produtivas, em que a finalidade principal da unidade econômica campesina é o *bem-estar da família*. Este bem estar determina a intensidade e extensão do trabalho, submetendo o econômico ao social, buscando maximizar o uso de fatores de produção para buscar essa satisfação, cujo valor é relativo a cada família.

Chayanov (1974) aponta que os camponeses não visam prioritariamente o lucro e nem acumulação de recursos, mas a garantia da reprodução da família e da propriedade, uma vez que a unidade camponesa é ao mesmo tempo unidade de produção e unidade de consumo. Porém, o modo de vida camponês se modifica devido às relações mercantis que ocorrem quando:

[...] os mecanismos de preços adquirem a função de arbitrar as decisões referentes à produção, de funcionar como princípio alocativo do trabalho social, a reciprocidade e a personalização dos laços sociais perdem inteiramente o lugar, levando consigo o próprio caráter camponês da organização social (ABROMOVAY, 1988, p. 117).

Ou seja, a unidade de produção da agricultura familiar contemporânea do Sul do Brasil se modifica em relação à unidade de produção camponesa, distinguindo-se na racionalidade e:

[...] integram-se plenamente a estas estruturas nacionais de mercado, transformam não só sua base técnica, mas, sobretudo o círculo social em que se reproduzem e metamorfoseiam-se numa nova categoria social: de camponeses, tornam-se agricultores profissionais. (ABRAMOVAY 1998, p. 127).

Portanto, no Sul do Brasil, surge uma agricultura familiar integrada às estruturas de mercado e com mudanças na base técnica, a qual “incorpora o progresso técnico e se vincula ao CAI - Complexo Agro-Industrial” (Silva, 1998, p. 37).

Na Região das Missões e Fronteira Noroeste do Rio Grande do Sul, percebe-se a existência de diferentes “tipos” de agricultores familiares, variando sua inserção parcial ou total aos mercados. Assim, há agricultores familiares vinculados à agroindústria de suínos, de laticínios ou de fumicultura, totalmente inseridos no mercado. Por outro lado, existem produtores que comercializam apenas o excedente da produção agrícola, se caracterizando por uma inserção parcial aos mercados. Já outras famílias rurais, têm como principal renda os benefícios previdenciários ou verbas assistenciais.

Este trabalho tem como objetivo verificar se o gasto com o consumo de alimentos dessas famílias rurais provoca, em primeira hipótese, maiores gastos com alimentos comprados no mercado ou, como segundo hipótese, os gastos são maiores com alimentos produzidos na própria UPAF – Unidade de Produção Agrícola Familiar. Para tanto, se pesquisou o consumo anual de alimentos das famílias, o valor total apurado desses alimentos consumidos, o valor apurado com os alimentos comprados e o valor apurado com os alimentos produzidos na UPAF, incluindo as trocas entre vizinhos, parentes e amigos, as quais caracterizam as relações de reciprocidade desses agricultores familiares.

O Escritório Regional da EMATER-RS/ASCAR de Santa Rosa realizou este estudo por meio de pesquisa de dados secundários (IBGE, EMATER/RS, FEE/RS) e de dados primários, coletados através de um questionário semi-estruturado, aplicado junto às famílias rurais destas duas regiões do Estado do Rio Grande do Sul, em 36 municípios que estão na área de abrangência do Escritório Regional da EMATER-RS/ASCAR de Santa Rosa e que contam com a presença de uma extensionista rural de Bem Estar Social no quadro funcional do Escritório Municipal da EMATER-RS/ASCAR.

A partir dos resultados obtidos, analisou-se a realidade atual da agricultura familiar quanto à origem dos alimentos consumidos na Unidade de Produção Agrícola Familiar, verificando quais das hipóteses se confirmaram e concluindo sobre a importância da própria unidade de produção agrícola familiar produzir seus alimentos de consumo.

Hipoteses

Como primeira hipótese, tem-se que os valores de dispêndio com os alimentos consumidos pelas pessoas das unidades de produção agrícola familiar nas Regiões das Missões e Fronteira Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, são maiores com alimentos comprados em estabelecimentos comerciais do que com alimentos consumidos e produzidos pelas próprias famílias. Entretanto, como segunda hipótese, contrária à primeira, tem-se que os valores de dispêndio com os alimentos consumidos por essas famílias, apresentam valor menor com alimentos comprados em estabelecimentos comerciais do que com alimentos produzidos pelas próprias famílias.

Metodologia

Considerando que a abrangência do Regional da EMATER-RS/ASCAR de Santa Rosa, estende-se pelos municípios das regiões Missões e Fronteira Noroeste do Rio Grande do Sul, realizou-se a pesquisa de campo em todos os municípios que contavam com a presença de uma extensionista rural de Bem Estar Social no quadro funcional do Escritório Municipal da EMATER-RS/ASCAR, cabendo a elas realizarem a aplicação de um questionário semi-estruturado junto às famílias das unidades de produção agrícola familiar de seus municípios e assistidas pela equipe da EMATER-RS/ASCAR.

A amostra foi definida visando diminuir os custos financeiros e o tempo disponível para a realização da pesquisa, sendo coletados os dados sobre uma amostragem representativa, ao invés da coleta sobre a população total, utilizando-se uma escolha aleatória entre as famílias, uma vez que o tamanho da amostra parte de uma percepção do pesquisador sobre a população estudada, de forma que “[...] representam razoavelmente bem a população de onde foram extraídas.” (BARBETTA, 2001).

Na tentativa de aproximar-se de um tamanho de amostra, que seja representativo estatisticamente, se utilizou por semelhança, a fórmula para o cálculo do tamanho mínimo da amostra que Barbetta (2001) apresenta, considerando:

n = tamanho da amostra (n° de famílias assistidas de unidades de produção agrícola familiar, para compor a amostra geral);

N = tamanho da população (n° de famílias assistidas de unidades de produção agrícola familiar existente no município = para um exercício, por exemplo, 500 famílias no município);

n_0 = uma primeira aproximação para o tamanho da amostra;

E_0 = erro amostral tolerável.

Adotando um nível de confiabilidade tolerável de 80% para pesquisas, tem-se que:

$$n_0 = 1/(E_0)^2, \quad n_0 = 1/(0,2)^2, \quad n_0 = 25,$$

Assim, o tamanho mínimo da amostra foi calculado pela equação:

$$n = (N \times n_0) / (N + n_0) \quad \square \quad n = (500 \times 25) / (500 + 25) \quad \square \quad n = 12.500 / 25,$$

$n = 23,8$ famílias assistidas de unidades de produção agrícola familiar.

Logo, conforme exemplo utilizado, com uma população de 500 famílias assistidas, a amostra mínima deveria ser de 24 famílias. Assim, conforme varia o n° de famílias assistidas de unidades de produção agrícola familiar no município, variará o tamanho da amostra mínima a ser pesquisada. Para um município com menos de 200 famílias assistidas, definiu-se que o tamanho mínimo da amostra seria de 10% sobre este total de famílias assistidas pela EMATER-RS/ASCAR municipal, e a partir de 200 famílias assistidas se utilizaria a fórmula acima, ficando assim:

- para 200 a 299 famílias assistidas: amostra de 21 famílias a serem entrevistadas.
- para 300 a 399 famílias assistidas: amostra de 23 famílias a serem entrevistadas.
- para 400 a 499 famílias assistidas: amostra de 24 famílias a serem entrevistadas.

- para 500 a 599 famílias assistidas: amostra de 25 famílias a serem entrevistadas.
- para 600 a 699 famílias assistidas: amostra de 27 famílias a serem entrevistadas.
- para 700 ou mais famílias assistidas: amostra de 30 famílias a serem entrevistadas.

A partir da definição da amostra, entrevistou-se um total de 901 famílias nos 36 municípios destas regiões do Rio Grande do Sul

Quanto à metodologia do cálculo do valor dos alimentos consumidos pelas famílias rurais pesquisadas, utilizou-se o preço de compra ou preço ao consumidor, diferente de Grisa & Schneider (2008) que utilizaram o preço de venda, desconsiderando os riscos de variação dos preços de compra entre os municípios onde se aplicou a pesquisa. A utilização do preço de compra foi adotada para se obter um valor real de quanto estas famílias desembolsariam de dinheiro na compra desses alimentos.

Este trabalho não se propôs verificar os custos de produção dos alimentos consumidos, devido à dificuldade deste cálculo. O foco da pesquisa é modesto, visando apenas verificar o consumo anual de alimentos das famílias, o valor desses alimentos com base no preço ao consumidor, obter o valor total apurado com os alimentos consumidos, apurar os gastos com os alimentos comprados e com os alimentos produzidos pela própria família, comparar, em termos percentuais, quanto representou a parcela dos alimentos comprados e a parcela dos alimentos produzidos na UPAF.

Resultados

Conforme a Tabela 1, na qual temos alguns dos sessenta e três itens de consumo alimentar pesquisados, sendo valorados com preço de consumidor, referentes ao mês de Junho de 2009, como resultado esta pesquisa apresentou que 833 famílias rurais produzem na própria propriedade rural mais de 50% do valor gasto para consumo mensal de alimentos, perfazendo 92,2% das famílias rurais entrevistadas. Apenas 68 famílias rurais (7,8%) compram mais de 50% do valor gasto para consumo mensal de alimentos, destacando que essas famílias possuem com maior fonte de renda a aposentadoria rural. O valor médio mensal apresentado por essas famílias rurais com esses itens de alimentos foi de R\$ 920,50 (preços de junho/09). Desse valor, ocorre um gasto de R\$ 269,79 (29,3%) na compra dos alimentos, enquanto o valor de R\$ 650,71 (70,7%) corresponde aos alimentos produzidos na própria propriedade rural.

Tabela 1: Resultados do projeto de pesquisa com alguns itens alimentares para ilustrar o consumo e produção mensal de alimentos na unidade de produção agrícola familiar – média de alguns itens de alimentos pesquisados.

Produto consumido	Unidade	Quantidade consumida no MÊS	Valor em R\$	Origem dos alimentos consumidos na UPAF					
				Comprado			Produzido na Propriedade		
				Quantidade	Valor em R\$	%	Quantidade	Valor em R\$	%
Arroz	kg	6,8	11,50	6,6	11,16	97%	0,2	0,35	3%
Feijão	kg	3,6	9,26	2,0	5,23	56%	1,6	4,04	44%
Batatinha	kg	5,9	9,38	4,5	7,14	76%	1,4	2,25	24%
Tomate	kg	3,5	9,57	1,9	5,21	54%	1,6	4,36	46%
Banana	kg	5,0	5,95	3,4	4,09	69%	1,5	1,85	31%
Queijo	kg	1,4	4,94	0,4	4,27	29%	1,0	10,67	71%
Salame	kg	2,9	43,64	0,7	10,00	23%	2,2	33,64	77%
Açúcar	kg	7,7	13,08	7,7	13,03	100%	0,0	0,05	0%
Farinha de Trigo	kg	14,0	19,62	13,1	18,31	93%	0,9	1,31	7%
Bolachas	gr	2.631	26,31	353	3,53	13%	2.278	22,78	87%
Vinho	lt	2,6	10,47	1,4	5,80	55%	1,2	4,67	45%
Carne Gado	kg	13,6	108,92	0,9	7,00	6%	12,7	101,92	94%
TOTAL			920,50		269,79	29,3%		650,71	70,7%
Famílias que:				Nº			%		
PRODUZEM 50% ou mais				833			92,2%		
COMPRAM mais de 50%				68			7,8%		

Fonte: Pesquisa de campo realizada entre Julho e Setembro de 2009 em 36 municípios das Regiões Missões e Fronteira Noroeste do RS pela EMATER-RS/ASCAR – Escritório Regional de Santa Rosa.

Conclusão

Com os resultados obtidos na pesquisa de campo, verifica-se que ocorre a segunda Hipótese do Projeto de Pesquisa, ou seja, a maioria das famílias rurais tipificadas como agricultores familiares produzem na própria propriedade rural mais de 50% do valor apurado com os gastos para consumo de alimentos. Isso leva a outra conclusão: a produção de alimentos na própria UPAF representa uma excelente renda mensal e junto, a garantia da segurança alimentar dessas famílias.

Referências

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: Hucitec; Campinas: Unicamp, 1998.

BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2001.

CHAYANOV, A. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **COREDES**. 2009. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/content/pg/coredes.php>>. Acesso em: 29 maio 2009.

GAZOLLA, M. Agricultura familiar, segurança alimentar e políticas públicas: uma análise a partir da produção para autoconsumo no território do Alto Uruguai/RS. Dissertação de Mestrado, PGDR/UFRGS, 2004.

GRISA, Catia ; SCHNEIDER, Sérgio . Fatores determinantes na produção para autoconsumo na agricultura familiar: um estudo comparativo no Rio Grande do Sul. **Teoria & Pesquisa**, v. 17, p. 47-74, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Agrícola Municipal 2005**. Rio de Janeiro, 2006.. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 29 maio 2009.

ROCHE, J. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Tradução: Emery Ruras. Porto Alegre: Globo, 1969.

SILVA, J. G. da. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1998.

TESCHE, R. W. As relações de reciprocidade e redes de cooperação no desempenho socioeconômico da agricultura familiar: o caso dos produtores de leite do município de Sete de Setembro/RS. Dissertação de Mestrado, PGDR/UFRGS, 2008.